



Como caracterizar o homem novo na tragédia? O caso do marido de Electra

How to characterize the new man in the tragedy? The case of Electra's husband

Adriane da Silva Duarte¹

e-mail: asduarte@usp.br

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7133-3115>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.33143>

RESUMO: A partir de elementos da poética antiga, esse artigo tem por objetivo examinar a caracterização do marido de Electra na tragédia homônima de Eurípides. Ao contrário do que ocorre com personagens derivados da tradição mítica, cujo caráter já está dado, em parte, pela trajetória poética, o anônimo marido da heroína é o homem novo, criado por Eurípides para cumprir uma função dramática específica.

PALAVRAS-CHAVE: caracterização; tragédia grega; Eurípides; *Electra*

ABSTRACT: Considering elements of ancient poetics, this article aims at examining the characterization of Electra's husband in Euripides' homonymous tragedy. Contrary to characters from the mythical tradition, whose essential traits are already partially anticipated by their literary previous history, the heroin's husband constitutes an anonymous new man, created by Euripides to perform a specific dramatic function.

KEYWORDS: characterization; Greek tragedy; Euripides; *Electra*

¹ Professora Livre-Docente de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.



“Sem ação não poderia haver tragédia, mas poderia havê-la sem caracteres.”
Aristóteles, *Poética*, 1450 a 23

Na citação da *Poética*, a palavra caracteres traduz o grego *ethos* (ἦθος). Aristóteles define *ethos* como “o que nos faz dizer das personagens que elas têm tal ou qual qualidade” (1450 a 5, traduções de Eudoro de Sousa)¹. Pensamento e caráter qualificam necessariamente as ações, já que a tragédia imita “uma ação que se executa mediante personagens que agem e diversamente se apresentam conforme o próprio caráter e o pensamento” (κατὰ τε τὸ ἦθος καὶ τὴν διάνοιαν, 1449 b 35). Dar qualidade a um personagem implica em dizer o que ele é. Se é corajoso, por exemplo, seu caráter deve transparecer no que diz (pensamento) e em suas ações, preferencialmente.

O filósofo acrescenta que “os homens possuem tal ou qual qualidade, conformemente ao caráter, mas são bem ou mal-aventurados pelas ações que praticam”, de modo que, na tragédia, “não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações” (1450 a 16). Ou seja, a primazia é da ação e, conseqüentemente do enredo (trama das ações) sobre o caráter. O personagem não praticaria um ato de coragem para se provar corajoso, mas antes revelaria sua coragem ao agir de maneira condizente.

Por fim, a passagem mais curiosa, reproduzida na epígrafe, diz respeito à possibilidade de haver tragédias sem caracteres. Segundo Aristóteles, a maioria das tragédias contemporâneas não os teria, o mesmo podendo ser verificado em relação à pintura (Polignoto os representa magistralmente, enquanto Zeuxis não o faz). Essa afirmação ainda é motivo de muito debate entre os comentadores da obra, sendo difícil imaginar esse “homem sem qualidades” proposto pelo filósofo.

Horácio, em *Arte Poética*, retoma o conceito, mas a ênfase recai sobre a adequação e a observância à tradição na composição do personagem, como se vê no seguinte trecho (vv. 114-127, tradução de Rosado Fernandes):

“Tem igualmente de tomar-se em conta, se quem fala é deus ou herói, velho sisudo ou homem fogoso, na flor da idade; matrona autoritária ou carinhosa ama; mercador errante ou lavrador de viçosa courela; se vem da Cólquida ou da Assíria, se nasceu em Tebas ou em Argos.

¹ Em português, *ethos* traduz-se usualmente por caráter, termo que também tem origem grega (caráter, de χαρακτήρ), designando uma marca ou sinal gravado em uma superfície sólida, daí um desenho ou figura. De forma figurada, indica um traço distintivo, marcante, portanto, definidor de um indivíduo, tanto físico quanto moral. Eurípides, em *Electra*, emprega *character* duas vezes, nos versos 559 e 572, referindo-se a sinais que permitem identificar um indivíduo, como uma cicatriz, por exemplo. Para a discussão do uso do termo por Eurípides, inclusive metafórico, remeto a Will (1961).

Segue, ó escritor, a tradição ou imagina caracteres bem apropriados: se acaso repuseres em cena o nobre Aquiles, fã-lo ativo, colérico, inexorável e rude, que não admita terem sido criadas as leis também para ele e nada faça que não confie à força das armas. Que Medeia seja feroz e indomável, Ino chorosa, Ixíon pérfido, Io errante e Orestes triste. Mas se algo de original quiseres introduzir, ousando conceber em cena nova personagem, então que ela seja conservada até o fim como foi descrita de início e seja coerente.”

As observações do poeta latino levam em consideração as características principais que os personagens ostentam (sexo, idade, condição social, ocupação, lugar de origem) e que são determinantes para sua composição, seu modo de falar, de se comportar, de se vestir. Ao mesmo tempo, não convém alterar a apresentação dos personagens que já foram retratados anteriormente e possuem um caráter marcante, como Aquiles ou Medeia. Por fim, deve-se buscar a coerência, evitando mudanças bruscas e injustificadas na caracterização no decorrer da obra.

Ambas poéticas antigas têm em vista o drama. Entre nós, Décio de Almeida Prado (1976: 88) explora as especificidades decorrente do gênero para a composição dos personagens, ao observar que no teatro, dada a inexistência de uma figura externa como o é o narrador onisciente na prosa, que tem acesso ao que se passa no interior das personagens, o caráter é dado a conhecer através do próprio personagem (sua máscara, seu figurino, o discurso que elabora sobre si e sobre os outros, bem como a forma pela qual se expressa), por meio de suas ações, pois se pode dizer uma coisa e praticar outra, e através do juízo de terceiros (o que os outros personagens dizem dele).

Partindo dessas observações, vou tratar um caso específico, o marido de Electra, na tragédia homônima de Eurípides. Nela, o poeta inova ao transpor o cenário da tragédia do palácio real em Argos para um casebre no campo, em que a filha de Agamêmnon vive com seu marido, um pobre camponês de origem micênica. O casamento fora urdido por Clitemnestra, como uma alternativa à morte da filha, já que sua constante revolta contra os assassinos do pai e a possibilidade de que viesse a gerar um filho vingador dessa morte a tornam uma ameaça aos usurpadores do trono.

Um homem bom

“Além disso, quando no poeta se repreende uma falta contra a verdade, há talvez que responder como Sófocles: que representava ele os homens *tais como devem ser*, e Eurípides, *tais como são*.”
Aristóteles, *Poética*, 1460 b 31, itálicos meus

A associação de Eurípides à representação realista de seus personagens, como nota Boas (2018: 356), é praticamente consensual e remontaria, segundo Aristóteles, a um juízo de Sófocles, que teria declarado imitar homens de forma idealizada, enquanto seu rival os retrataria como eles

de fato são (οἴους δεῖ ποιεῖν x οἷοι εἶσιν). Segundo Boas, realismo pode sugerir aspectos diversos da representação como a recusa à idealização da figura heroica, como visto na *Electra*, em que a personagem homônima, apesar de ser de estirpe nobre, se ocupa ela mesma das tarefas domésticas, ou a tendência a pôr em cena, e com certo destaque, personagens oriundos dos estratos mais baixos da população, o que também está exemplificado na mesma tragédia com a figura do camponês a quem a filha de Agamêmnon é dada em casamento. Tais estratégias de caracterização produzem uma espécie de familiaridade por lembrarem “o espectador típico de gente que eles poderiam conhecer no dia-a-dia” e não evocar “os reis e rainhas que povoam a poesia” (BOAS, 2018: 358). É essa a impressão que se tem do marido que o tragediógrafo imagina para Electra, a de um homem comum, com o qual se poderia encontrar na praça ou no mercado.

O prólogo de *Electra* é pronunciado por um homem humilde identificado nas listas de personagens apenas pela sua ocupação: lavrador micênico (αὐτουργὸς μικηναῖος). Os espectadores então, que, ao contrário do público posterior, provavelmente não tinham acesso ao rol das figuras do drama, não podiam saber quem era e, provavelmente, supuseram tratar-se de um escravo, que à porta da casa, à maneira de outras tragédias, introduzia a trama, como é o caso em *Medeia*, por exemplo². A casa, porém, era igualmente humilde e localizada no campo, sem vizinhança próxima – embora seja discutível o quanto o cenário poderia indicar essas particularidades, sendo provável que os detalhes fossem sendo construídos através do discurso dos personagens à medida em que a peça avançava.

Esse personagem desconhecido declama os primeiros 53 versos da tragédia. Nos primeiros 34 cumpre a função prologal, dando à plateia os fundamentos da trama: a cena é Argos, anos após o retorno de Agamêmnon de Troia e de sua morte orquestrada por Clitemnestra e Egisto, que ora reinam; Orestes, salvo pelo preceptor, está no exílio; quanto a Electra, que alcançara a idade núbil e tornara-se ameaça aos assassinos, pois poderia gerar um filho vingador, é poupada da morte pela mãe e dada em casamento... a este que fala (*Electra*, v. 34, tradução de Jaa Torrano):

[...] e a nós nos deu ter Electra por esposa.
[ἡμῖν δὲ δὴ δίδωσιν Ἥλέκτραν ἔχειν / δάμαρτα.]

É o primeiro verso que nos diz algo acerca desse personagem e trata-se de algo desconcertante. Esse homem simples que, poderia se confundir com um servo³, é o marido da filha de Agamêmnon, princesa de Argos. Seguem-se dezoito versos em que ele se apresenta e explica a inusitada situação (Eurípides, *Electra*, v. 35-53):

² Em outras tragédias, em que o prólogo não cabe inicialmente a um servo, não raro ele se apresenta à porta para trazer notícias do seu interior. Cf. *Alceste*, *Hipólito*, *Andrômaca*, só para ficar em Eurípides.

³ Para Yoon (2012: 5), o suposto *status* de homem livre que caracteriza o marido de Electra não o torna muito distinto dos escravos anônimos que povoam outras tragédias, uma vez que parece não gozar de fato de liberdade de ação. Como um exemplo, é constrangido a desposar Electra, embora não considere o casamento digno dela.

Somos nascidos de pais micênicos,
 não há como nisso me desmentir,
 ilustres pela origem, mas carentes
 de posses, aí se perdeu a nobreza.
 Ao débil deu para ter débil pavor.
 Se um varão valoroso a obtivesse,
 despertaria a morte de Agamêmnon,
 adormecida, e justiça viria a Egisto.
 Testemunhe Cípris que este nunca
 ultrajou seu leito, ela ainda é virgem.
 Não sendo condigno, tenho pudor
 de pegar e ultrajar a filha de ricos.
 Lamento o meu cunhado nominal,
 o mísero Orestes, se, vindo a Argos,
 vir as núpcias de má sorte da irmã.
 Quem diz que sou um tolo, se tenho
 uma jovem em casa e não a toco,
 saiba que mede o sábio com más
 regras de juízo e ele mesmo é tolo.

Esse discurso permite depreender suas qualidades, ressaltadas por ele próprio. Em primeiro lugar, a estirpe, ou seja, a origem nobre de sua família. Declara-se filho de pais micênicos e antepassados ilustres (v. 37: λαμπροὶ γὰρ ἐς γένος γε). A eugenia (εὐγένεια), no entanto, está comprometida pela pobreza (v. 38: πένητες), o que o torna fraco (v. 39: ἀσθενεῖ) e sem valor (v. 45: οὐ κατάξιος), sendo inferior, portanto, àquela que lhe designaram por esposa. Segundo sua percepção, os outros o tomam por tolo (v. 50: μῶρον), já que não consumou o casamento em respeito à linhagem de Agamêmnon, embora seja antes prudente (v. 53: τὸ σῶφρον, isto é, observa antes o que é prudente).

Como se nota, a ele não é dado um nome, nem nesse passo, nem em qualquer outra parte da obra. Pode-se argumentar que isso não seria relevante, uma vez que, ao contrário do que ocorre na comédia, em que com o nome frequentemente se antecipam características do personagem e geram-se expectativas quanto à sua atuação, não é esse o hábito nas tragédias⁴. Essas põem em seu centro, como notam Aristóteles e Horácio, indivíduos pertencentes a famílias ilustres, cujo nome evoca uma narrativa pregressa, pertencente a um passado mito-poético, que os molda, ultrapassando, assim, o valor etimológico que porventura pudessem possuir.

Yoon (2012: 1, n. 1), em estudo detalhado sobre os personagens anônimos na tragédia grega,

⁴Os heróis das comédias de Aristófanes ilustram bem esse ponto. Diceópolis, em *Acarnenses*, significa Cidade Justa, que é o que almeja ao pleitear o fim da guerra contra Esparta; Pisetero, de *Aves*, é o Companheiro Persuasor ou Bom de Lábria, porque é hábil com os discursos; Lisístrata, da obra homônima, é a Dissolvetropa, porque age para concluir a paz e trazer os soldados de volta para casa. Esses são apenas exemplos do uso que os comediógrafos faziam da onomástica.

observa que a primeira função desses personagens é contribuir para revelar o caráter dos protagonistas, atuando como oponente, confidente ou agente de transformação (catalisador). Embora esse ponto de vista pareça bastante sedimentado nos estudos sobre esse tipo na tragédia, aqui não me interessa estudar o camponês em função de Electra ou de Orestes, mas analisar tão somente sua figura, num esforço para estabelecer que caráter Eurípides lhe quis emprestar⁵.

A mesma autora aponta que normalmente os personagens anônimos são referidos pela ocupação e não pela função dramática que desempenham – isso, naturalmente, não se aplica a todos, como é patente no caso dos Mensageiros, em que função e ocupação estão intrinsecamente ligadas. Ela exemplifica justamente com o caso do marido de Electra (YOON, 2012: 1, n.1), que é referido pelos estudiosos como camponês ou agricultor e, não, como marido. Claro que paira certa ambiguidade sobre essa identidade, uma vez que, como o próprio personagem esclarece logo de início, é marido nominal, mas não o é de fato, uma vez que respeita o leito de Electra, conservando-a virgem. Observe-se que nessa récita inicial nenhuma palavra é dita sobre sua ocupação, mas a primeira informação que traz sobre si é o fato de Electra ser sua esposa (v. 34: δάμαρτα). Esse é o traço distintivo do personagem. É somente no v. 79 que fica evidente qual o seu trabalho: “Eu com o dia / levo bois à lavoura e semeio ruas” (ἐγὼ δ’ ἄμ’ ἡμέρα / βοῦς εἰς ἀρούρας ἐσβαλὼν σπερῶ γύας).

Pouco antes Electra havia se referido a ele como *ergastés* (v. 75: ἐργάτη), que Torrano traduz por lavrador, mas que a rigor designa um trabalhador, seja ele artesão ou operário, agricultor ou pescador⁶. Orestes, diante da casa em que vive a irmã, conclui que é digna de um “lavrador ou boiadeiro” (v. 253: σκαφεύς τις ἢ βουφορβός). O cenário campestre, caso houvesse, poderia sugerir aos espectadores a aplicação mais precisa desse termo, bem como a indumentária do personagem, que poderia estar usando um chapéu de abas largas que o protegesse do sol ou portando um surrão para levar as sementes ou algum utensílio, como um arado. O termo, por si só, no entanto, não permite afirmar com certeza a que se dedica. A presença desses elementos externos, portanto, que não temos como aferir, poderia antepor a ocupação ao papel dramático. O certo é que ele, após apresentar-se como marido de Electra, se define pelo trabalho, do qual tira seu sustento, como, valendo-se de uma máxima, declara nos versos 80–81: “Inativo ninguém com Deuses na boca / poderia colher os víveres sem esforço”⁷.

⁵ Cf. Deserto (1994: 111): “No trabalho que ora apresentamos [...], tentamos mostrar como Eurípides, ao decidir incluir uma figura de Agricultor na sua Electra, torna essa personagem produtiva através de uma articulação contrastante com as figuras principais do drama, Orestes e Electra”. Cf. também Boas (2017: 79).

⁶ Trajano Vieira (EURÍPIDES, 2009) traduz por obreiro, termo que ele elege para designar o personagem. A palavra αὐτουργός tem como primeira acepção “o que trabalha para si”, mas é bastante usado para designar “o que trabalha a própria terra” e, daí, lavrador.

⁷ O emprego de máximas (*gnomai*) é característico da elocução desse personagem e pode ser tido como índice de sua origem simples, já que se ancora na sabedoria popular para fazer valer seu ponto de vista (BOAS: 2017: 79). Cf. *Electra*, vv. 50–53; 80–81; 343–344; 426–31.

Depois que deixa a cena, no prólogo, para cumprir as atividades do campo, faz nova e breve aparição entre os versos 341 e 431. Ao retornar do trabalho encontra Electra diante da porta conversando com dois estrangeiros – Orestes e Píades, cuja identidade ainda não foi revelada. Sua primeira reação é de alarme, acostumado que está a viver isolado: quem são, o que querem? Em seguida repreende a esposa, que, por razão de decoro, não devia estar na companhia de homens jovens (vv. 343-344) – note-se que o coro, formado por moças solteiras de Argos, que vieram visitá-la no campo, também se faz presente. Informado que são emissários de Orestes, imediatamente os acolhe em sua casa, pelo qual será, por sua vez, censurado pela esposa, já que não tinham o que ofertar aos hóspedes.

A situação permite avançar a caracterização do marido, que revela observar um traço ligado à piedade grega: a hospitalidade (Eurípides, *Electra*, v. 357-363):

Não já lhes devia ter aberto a porta?
 Entrai em casa. Pelas boas palavras,
 tende o abrigo da minha casa oculta.
 Servos, levai a bagagem para casa.
 Não contradigais, vindos os amigos
 ao amigo, pois ainda que seja pobre,
 não mostrarei o hábito de má origem.

Chamo atenção, inicialmente, para a presença reiterada de termos que remetem à casa nessa breve fala (v. 357: πύλας, portas da casa; v. 358: οἴκους, casa; vv. 358-359: δόμος e δόμων, morada). Parece claro que a intenção é ressaltar a condição humilde da morada, em contraste com a dignidade de seus hóspedes, os filhos de Agamêmnon, rei de Argos. Ao mesmo tempo, evidencia-se o caráter do morador, que declara que a pobreza não é razão para exibir “caráter mesquinho” (v. 363: ἥθος δυσγενές; na tradução de Torrano, “hábito de má origem”). O adjetivo δυσγενής designa originalmente o que tem origem humilde, que não é nobre e daí que é de natureza vulgar ou baixa. Ou seja, ele que se declarara oriundo de nobres decaídos, não trai a sua natureza. Revela, assim, a sua índole generosa, disposto que está a partilhar o pouco que tem, e que tanto lhe custa ganhar, com os hóspedes inesperados, que trata por amigos (v. 361: φίλοι). Diante da reação de Electra, envergonhada por não ter algo digno dos convidados para servir, ele filosofa (vv. 426-431):

Quando cai em tais cismas o pensamento,
 vejo como o dinheiro tem grande força
 para servir o hóspede e salvar o doente
 com os custos. Ao repasto de cada dia
 o pouco basta, pois quando já saciado,
 opulento e pobre, todo varão tem igual.

Da sua perspectiva, a mesma porção basta para saciar a fome de um homem, seja ele rico ou pobre, de modo que tudo o mais é supérfluo e Electra se preocupa à toa. É assim, pensando em voz alta, que sai de cena definitivamente, em busca do Preceptor da esposa, que pode socorrê-los com os víveres necessários para uma lauta refeição.

É importante notar que desde a fala inicial do marido ele procura distinguir pobreza e nobreza de caráter. O fato de ser pobre não o torna abjeto moralmente, o que não era por si só evidente no pensamento grego antigo, haja visto o arrazoado de Orestes mais adiante, para quem “a penúria tem / mazela e carente ensina mal o varão” (v. 375-376). Também é relevante observar que tudo aquilo que ele declara sobre si é corroborado por suas ações: ele é mostrado indo e voltando do trabalho, trata respeitosamente Electra, acolhe de forma generosa os que crê serem emissários de Orestes. Há, portanto, coincidência entre discurso e prática na constituição desse personagem.

Outro fato a destacar é a forma como através de suas falas ele faz questão de marcar sua posição enquanto o marido da heroína. É verdade que depois daquela afirmação inicial, em que declara seu vínculo com Electra (v. 34), ele é pouco tematizado no discurso. Mas como aponta de forma pertinente Boas (2017: 79), após uma detalhada análise discursiva, “os contornos de sua caracterização se encontram não somente *no que ele diz*, mas também *no como ele o diz*” (itálicos meus).

Da análise do discurso do camponês, fica claro que, embora seu casamento seja apenas nominal, ele espera que as regras sociais que sancionam as uniões prevaleçam, empenhando-se para impor seu conjunto de valores sobre sua esposa, malgrado as diferenças que os separam. Assim, após ouvi-la lamentar-se sobre a necessidade de buscar água na fonte, ele pede que ela não o faça (vv. 64-66):

Por que me fazes o favor, ó mísera,
com fadigas, se tiveste boa criação,
e, dizendo-te eu isto, não te absténs?

Do seu ponto de vista não é adequado que ela faça o trabalho pesado para o qual não fora talhada, assim como, mais adiante, ele não vai julgar apropriado que ela fique à porta da casa em companhia de desconhecidos (vv. 343-344). Quando ele se inteira da procedência dos estrangeiros, ele a censura por tê-los deixado do lado de fora sem os ter convidado para sua casa (v. 367) e a insta a recebê-los da melhor maneira (vv. 421-423):

Vai (χωρεῖ) para casa o mais rápido
e *arruma* (ἐξάρτυε) a casa! Se quisesse, a mulher
inventaria para a ceia muitos produtos.

Boas (2017: 78) chama atenção para o fato que ele tenta se impor sobre sua esposa, fazendo

com que ela se comporte de acordo com o seu código moral, mas sempre tratando-a de uma forma respeitosa, atenuando suas demandas através do emprego de perguntas (vv. 64-66) e de máximas (vv. 343-344) – o único ponto destoante está na passagem citada logo acima em que usa o imperativo para solicitar que se ocupe dos hóspedes, mas, mesmo assim, ele cede e vai à procura do Preceptor, como ela sugerira. Ou seja, o personagem se vê, principalmente, como marido e reivindica para si esse papel, ainda que apenas na aparência.

Há mais um trecho que gostaria de comentar e que faz parte dessa situação ambígua que rege a relação do casal em que o enlace tem que parecer real, de forma a contentar os tiranos, mas um mero arranjo, para não descontentar Orestes. Diante da presença de estrangeiros vindos da parte do filho de Agamêmnon, marido e mulher travam o seguinte diálogo (vv. 353-356):

[L]: Vieram de Orestes com quais palavras?

[E]: Enviou-os para que vejam meus males.

[L]: Alguns se veem, outros talvez tu digas?

[E]: Sabem, não têm nenhum deles em falta.

Tendo recebido a resposta que queria, o camponês logo insiste para que os hóspedes entrem em sua casa. Do que se trata, afinal? Os males que se veem são por si só evidentes, a pobreza, o casamento aviltante com um desigual. Há outras coisas que não são visíveis, no entanto, e de que a própria Electra deveria dar testemunho, como, por exemplo, o fato de a união não ter se consumado. Pode-se imaginar que o camponês receasse que o tomassem por aliado dos tiranos e inimigo dos filhos de Agamêmnon. Assegurado por Electra de que eles estão a par de tudo, ele deixa de temer por si e passa a acolhê-los efusivamente. Essa cena revela a tensão em que vive o personagem, que não sem razão é chamado por Electra pouco antes de “suspicaç” (v. 345: εἰς ὑποπτα).

Resta ainda examinar como ele é percebido pelos demais personagens, notadamente Electra e Orestes, mas também pelos Dióscuros, que fazem o êxodo *ex-machina*. Também esses depoimentos reforçam o caráter dado ao personagem.

As primeiras palavras que Electra lhe dirige são eloquentes em reconhecê-lo como amigo e guardião de sua castidade (vv. 67-68), não sendo impróprio detectar até mesmo um tom afetuoso para com ele: “Eu te julgo amigo igual aos Deuses, / em meus males não foste transgressor”. Ela reafirma o conteúdo dessa fala posteriormente, ao dirigir-se agora não ao marido, mas àquele que supõe vir em nome do irmão, mas que é na verdade o próprio Orestes, e o faz na ausência do Lavrador, de modo que nada a pressionava a faltar com a verdade. Ela descreve seu marido como: “um varão pobre nobre e, ante mim, pio” (v. 253: πένης ἀνὴρ γενναῖος ἔς τ’ ἔμ’ εὐσεβής), esclarecendo que nunca ousou tocá-la por considerar ilícito o matrimônio (v. 255 e 259).

⁸Veja-se também o verso 345, em que Electra se dirige a ele como “caríssimo” (φίλτατε), usando o superlativo.

Diante do que ouve, Orestes conclui que se trata de um homem nobre (v. 262: γενναῖον). É justamente do irmão de Electra a defesa mais ardente do Lavrador. Numa longa tirada situada entre os versos 367 e 400, Orestes argumenta que a honradez (εὐανδρίαν) não é algo previsível entre os homens, pois há filhos de pais nobres sem virtude e de vis, nascem valorosos; de ricos, estultos, e de pobres, ajuizados. Por isso, diz ele, a riqueza não é critério suficiente para julgar o caráter, embora a pobreza muitas vezes estimule vilezas. Depois dessa introdução de caráter geral, passa ao elogio do marido da irmã (vv. 380-385; 390-395):

Este varão não é grande dos argivos,
nem se ufana do renome de sua casa,
mas, gente do povo, viu-se o melhor (ἄριστος).
Não delireis vós que passeais cheios
de opiniões vãs. Em visita a mortais
distinguireis os nobres até nos hábitos (ἦθεσιν)?
[...]
Digno (ἄξιος) é o presente e o não presente
filho de Agamêmnon, por que viemos, aceitemos o pouso! Servos, devemos
entrar nesta casa. O pobre hospedeiro
seja-nos mais animado (πρόθυμος) do que o opulento!

Não vou entrar aqui na questão de se através de Orestes Eurípides está criticando uma parcela da elite ateniense contemporânea, pois meu interesse está tão somente na caracterização do Lavrador. Para Orestes, apesar de desprovido de riqueza e linhagem, ele é excelente, tão digno quanto ele próprio, bondoso e dedicado. Concedendo que, entre mortais, a nobreza é visível no caráter, não nas posses.

É importante dotar o Marido de Electra de um caráter ilibado, porque é na sua solidez, na unanimidade que o consagra, que repousa a reputação da heroína. Do mito que Eurípides inventa para a filha de Agamêmnon, o mais incrível parece residir no fato de o camponês ter-se mantido casto e preservado a virgindade de sua esposa⁹. É a sua postura que garante que o destino projetado para Electra pelos Dióscuros se cumpra. Eles determinam que todos partam de Argos, após a morte de Egisto e Clitemnestra, Orestes, rumo a Atenas, e quanto aos demais (vv. 1284-1287):

Que Pílates, com a moça e esposa (κόρην τε καὶ δάμαρτ'),
retorne da terra aqueia para casa,
e conduza o assim dito cunhado
à terra fócica, e dê funda riqueza”.

⁹É tão inverossímil que, já no prólogo (vv. 50-53), ele tem que defender-se da acusação de tolo, lançada por seus companheiros, por não ter se unido à mulher, dando a entender como essa atitude seria vista pelos contemporâneos de Eurípides.

Designada esposa de Pílates, nobre como ela, assegura-se que ainda é moça, i.e., jovem solteira, por suposto, virgem, condição necessária para a consagração desse novo matrimônio. Quanto ao “assim dito cunhado”, o Lavrador, também ele deixará Argos e irá habitar a Fócia, sendo sua virtude recompensada com a concessão de riqueza, o que configura, de certo modo, uma reparação do estado anterior.

A reinvenção do mito de Electra dá a Eurípides a oportunidade de criar livremente seu personagem, esse homem novo sem rastro nem lastro poético, conferindo a ele os traços distintivos que imagine necessários para que cumpra o seu papel dramático.

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BOAS, E. van E. Rustic language: The Peasant. In: **Language and Character in Euripides' Electra**. Oxford: Oxford University Press, 2017, pp. 60-79.
- BOAS, E. van E. Euripides. In: DE TEMMERMAN, K.; BOAS, E. van E. (eds.). **Characterization in Ancient Greek Literature**. Leiden: Brill, 2018, pp. 355-374.
- DESERTO, J. do. O agricultor na *Electra* de Eurípides. **Humanitas**, vol. XLVI, 1994, pp. 111-121.
- EURÍPIDE. **Les Troyennes; Iphigénie en Tauride; Électre**. Texte établi par L. Parmentier et traduit par H. Gregoire. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- EURÍPIDES. *Electra*. In: **Teatro Completo II**. Tradução de José Antonio Alves Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2016 (e-book).
- EURÍPIDES. *Electra*. In: **Sófocles / Euripides. Electra(s)**. Tradução Trajano Vieira. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- HORÁCIO. **Arte Poética**. Introdução, tradução e notas de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.
- PRADO, D. de A. A personagem no teatro. In: **Candido, A. (Org.). A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976 (*1968), pp. 81-101.
- WILL, F. The concept of *χαρακτήρ* in Euripides. **Glotta**, n. 39, 3/4, 1960-1961, pp. 233-238.
- YOON, F. **The use of anonymous characters in Greek Tragedy. The shaping of heroes**. Leiden: Brill, 2012.

